

‘Os perigos das coligações lideradas pelo PS vieram da direita’

Luís Osório

luis.osorio@sol.pt

Manuel Agostinho Magalhães

manuel.a.magalhaes@sol.pt

Rejeita ser o ideólogo da esquerda, mas assume ser seu dever ajudar as forças que «lutam por uma sociedade mais justa». Vê o governo de António Costa com o apoio de PCP e BE «como uma oportunidade» e elogia Catarina Martins e Mariana Mortágua. Os «jovens indignados» estão prontos para «enterrar os fantasmas do passado», conclui.

Como define a possibilidade de um governo de esquerda: um acontecimento histórico, uma oportunidade ou um perigo para a identidade dos partidos de esquerda?

É uma oportunidade normal em democracia e com antecedentes próximos noutros países da Europa. É a oportunidade de virar uma página infeliz da política portuguesa, sob tutela externa e liderada por um governo dominado por uma ala radical da direita que aproveitou essa tutela para prosseguir uma política que sempre defendeu desde o 25 de Abril de 1974 e que nunca conseguiu impor por via eleitoral. Só parece um acontecimento histórico à luz das vicissitudes da nossa história recente dominada, no início, pelo contexto da Guerra Fria que produziu um Partido Socialista ferocemente anticomunista e um Partido Comunista e outros partidos de esquerda ferocemente antissocialistas.

Muita gente ficou surpreendida com o resultado do Bloco de Esquerda? Está entre os que se surpreenderam? Qual o segredo de Catarina Martins? A preparação política e técnica da

Catarina Martins e também da Mariana Mortágua excedeu todas as expectativas. Mostraram aos portugueses que havia uma alternativa à política cega de austeridade, que era tempo de enterrar os fantasmas do passado e que os jovens que tinham participado no movimento dos indignados estavam dispostos a renovar a políti-

“

O capitalismo global só é inflexível enquanto julga que pode impor as suas soluções. Senão, adapta-se

”

ca portuguesa, injetando nela uma nova energia e um novo realismo sem desencanto.

A experiência eleitoral do Partido Livre/Tempo de Avançar foi um fracasso?

O Partido Livre teve um papel importante no desenterrar os fantasmas do passado, e na busca de soluções pragmáticas. Foi também importante em apontar para um novo tipo de organização partidária assente na democracia participativa interna. Não foi uma experiência muito bem concretizada mas lançou uma semente de futuro que pode ser aproveitada por outros partidos.

Fica confortável quando o definem como um dos principais ideólogos do Bloco de Esquerda?

Seria uma incorreção designar-me como ideólogo e uma arrogância vã designar-me “principal ideólogo”. Sou um intelectual comprometido com as lutas por uma sociedade mais justa, uma vida mais digna para as grandes maiorias, e o aprofundamento da convivência democrática, não só no plano político, como no plano social e no plano cultural. Os meus livros, as minhas ideias e a minha intervenção têm presença em muitos países onde várias forças políticas de esquerda têm buscado alguma inspiração. Em Portugal, tanto o Bloco de Esquerda como o Partido Livre como os setores socialistas do Partido Socialista têm visto alguma utilidade nas minhas ideias, sobretudo por-



RAQUEL WISE

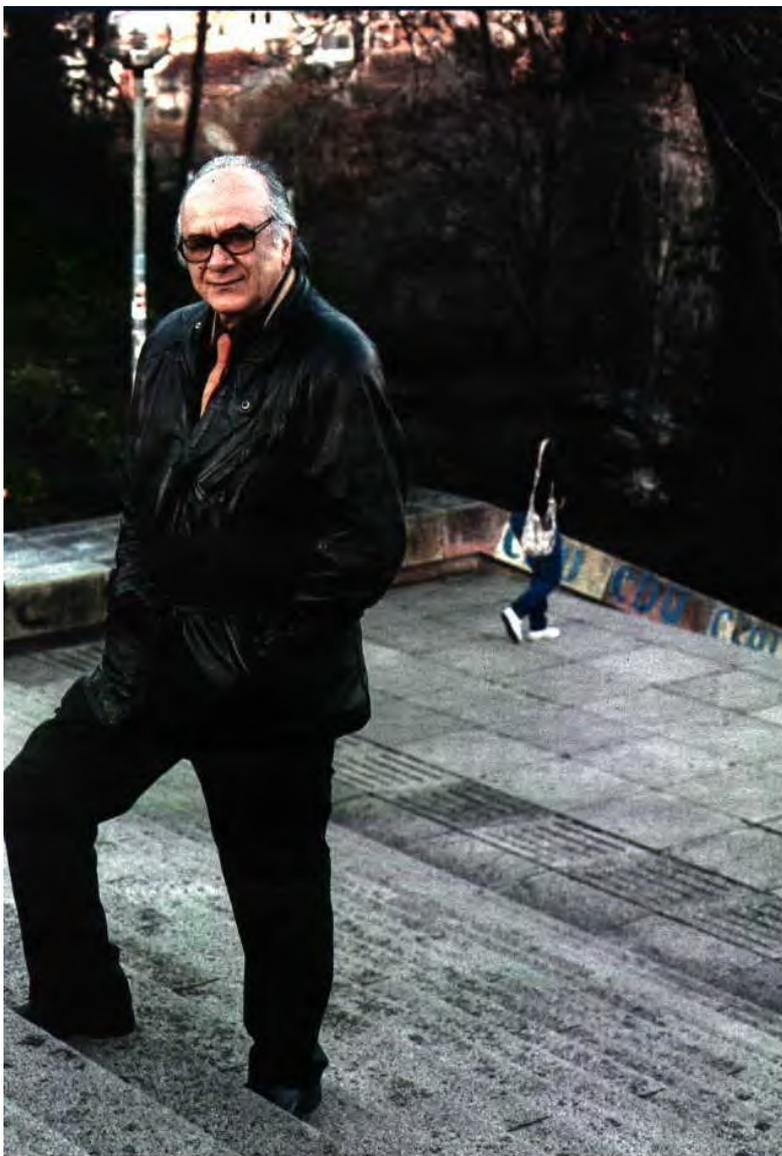
que as afirmo com independência e nunca a partir de lealdades partidárias. Não só me sinto confortável com o penso ser meu dever ser útil às forças políticas que no meu país lutam por uma sociedade mais justa.

Está alguma coisa a mudar na Europa? Na Grécia com o Syriza, em Espanha com o Podemos e em Portugal com uma coligação que inclui pela primeira vez o PCP e o BE?

A Europa está a mudar; fundamentalmente porque a grande maioria dos cidadãos começa a ver na União Europeia um fardo, um mecanismo burocrático para impor sacrifícios incompreensíveis ou desnecessários. Este fardo começou a ser sentido, tanto nos países credores como nos países devedores, a partir do momento em que esta distinção foi permitida e foi ideologicamente intensificada. Esta ideia a está ser fortemente explorada por grupos de extrema direita e, embora com menos dimensão, por grupos de extrema esquerda. As forças de direita, que

dominam as instituições europeias, não temem a extrema esquerda mas temem a extrema direita. Começam a dar-se conta que o projeto europeu está a cair num vazio político que pode levar a ingovernabilidade. Para evitar isso é preciso começar a expandir a base de apoio do projeto e os grupos de esquerda moderados são um recurso óbvio sobretudo se contribuírem para uma certa despolarização à sua esquerda. A esquerda à esquerda do PS tem uma consciência aguda do perigo que a Europa chauvinista representa e sobretudo vive intensamente o sacrifício injusto que está a ser imposto às classes populares e médias e ao empobrecimento a que estão sujeitas. Por estas duas razões, está genuinamente disposta a contribuir para uma mudança que, mesmo pequena, evite o pior e permita voltar a pensar o futuro com esperança no médio prazo.

A experiência do Syriza no poder representou para si uma desilusão? Vai ser difícil fazer uma avaliação



do caso grego no curto prazo. A humilhação a que o povo grego foi sujeita não tem qualificação possível. Os gregos acreditaram que um partido incoerente no curto prazo pode ser a condição dolorosa para se encontrar uma solução coerente e digna a médio prazo. É a maior aposta política dos últimos cinquenta anos.

Na sua tese (O Direito dos Oprimidos) a investigação partiu da sua experiência numa favela no Rio de Janeiro. A luta essencial da esquerda continua a ser o combate contra a pobreza e a desigualdade? Deverá ser o objetivo último de um governo verdadeiramente à esquerda?

O trabalho de investigação a que se refere foi feito num contexto político muito diferente do atual. O conceito de pobreza é sociologicamente inerte. Não há pobres, há grupos sociais injustamente empobrecidos. Os processos de empobrecimento e de enriquecimento é que devem merecer a nossa atenção, tanto científica como política. Nas condições do nosso tempo, a

luta fundamental de um governo de esquerda é não deixar que a democracia seja sequestrada por forças antidemocráticas, sejam elas os mercados financeiros ou a corrupção da classe política, as quais têm por objetivo apropriar-se do Estado, convertendo-o, de Estado social em Estado antissocial. Foi isto que ocorreu nos últimos quatro anos. Se essa luta for conduzi-

“

O BE, o PS e o Livre têm visto utilidade nas minhas ideias

”

da com algum êxito, é possível diminuir as desigualdades sociais sejam elas de base económica, racial, etnocultural ou sexual.

Quais os perigos de uma coligação para o PC e o BE? E as virtualidades?

Os perigos de coligações lideradas pelo PS vieram, no passado, de partidos de direita e não de partidos de esquerda. É tempo de darmos uma oportunidade a outro tipo de coligações. Nisso reside a virtualidade do tempo político presente.

Sente-se confortável com a possibilidade de termos um primeiro-ministro que não ganhou eleições? E se acontecesse o contrário, se Passos fizesse o mesmo tendo ficado atrás de António Costa?

A maioria dos portugueses votou em partidos de esquerda. Parece-me normal que essa maioria prevaleça sobre a minoria que votou em partidos de esquerda. Pensaria o mesmo se a maioria tivesse votado à direita.

Está disponível para receber um convite de António Costa?

Para quê? Para ser parte de um governo liderado por ele, a resposta óbvia é não apesar de ter grande estima por ele e o considerar um líder político à altura dos desafios do presente

Espera uma reação forte dos setores económicos e sociais que se opõem ao governo de esquerda?

O capitalismo global só é inflexível enquanto julga que pode impor as suas soluções preferidas. Caso contrário, adapta-se. Faz isso há, pelo menos, duzentos anos.

Nas presidenciais, qual é a melhor estratégia para a esquerda evitar uma derrota na primeira volta? Qual é o candidato mais bem colocado para se bater com Marcelo Rebelo de Sousa?

A melhor estratégia teria sido a esquerda não se ter dividido. O que se está a tentar para o mais difícil (o governo), não foi possível fazer para o mais fácil. A direita do PS resolveu embaraçar o seu líder e infelizmente a Dra. Maria de Belém, pessoa por quem tenho a maior estima (a mesma que tenho pelos Professores Sampaio da Nôvoa e Marcelo Rebelo de Sousa) prestou-se a isso. De todo modo, tudo leva a querer que o Palácio de Belém vai voltar a ser habitado por um político que nos honra e dignifica.